

---

---

## VALIDADE DE CRITÉRIO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE DO VOLEIBOL – RELAÇÃO ENTRE EFICÁCIA, EFETIVIDADE E AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE DE ATLETAS BRASILEIRAS INFANTIS

### CRITERIO VALIDITY OF SERVE VOLLEYBALL SELF-ASSESSMENT SCALE - RELATIONSHIP BETWEEN EFFICIENCY, EFFECTIVENESS AND SELF-ASSESSMENT OF ATHLETES OF SERVE INFANT'S BRAZILIAN

Thais do Amaral Machado<sup>1</sup>, Fernanda Patricia Valentim<sup>1</sup> e Joice Mara Facco Stefanello<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, Brasil.

---

#### RESUMO

O objetivo deste estudo foi relacionar a autoavaliação do saque, efetividade e eficácia deste fundamento. Participaram do estudo duas equipes femininas de voleibol da categoria infantil, com média de idade  $14,63 \pm 0,5$  anos e tempo de prática  $4,92 \pm 1,87$  anos. Aplicou-se a Escala de Autoavaliação do Saque no Voleibol e realizado escalte técnico do saque. Os resultados apontaram diferenças na efetividade da Equipe "A" ( $37,26 \pm 19,38$ ) e Equipe "B" ( $53,89 \pm 14,18$ ) ( $p=0,02$ ) e eficácia da Equipe "A" ( $91,50 \pm 5,51$ ) e Equipe "B" ( $96,21 \pm 4,46$ ) ( $p=0,02$ ). Na autoavaliação houve diferença entre a Equipe "A"  $45,20 \pm 5,11$  e a Equipe "B"  $41,78 \pm 3,19$  ( $p=0,05$ ). Houve correlação moderada ( $r= 0,65$   $p=0,00$ ) entre a autoavaliação e o tempo de prática de ambas as equipes. Conclui-se que a equipe que conquistou a melhor colocação foi a que se apresentou mais efetiva e eficaz na execução do saque.

**Palavras-chave:** Voleibol. Efetividade. Eficácia.

---

#### ABSTRACT

The aim of this study was to relate the self-assessment serve, effectiveness and efficacy of this plea. Study participants were two female volleyball teams of infant category, with a mean age  $14.63 \pm 0.5$  years and practice time  $4.92 \pm 1.87$  years. Applied to Self-Assessment Scale Serve in Volleyball and conducted technical Serve escalte. The results showed differences in the effectiveness of the team "A" ( $37.26 \pm 19.38$ ) and Team "B" ( $53.89 \pm 14.18$ ) ( $p = 0.02$ ) and efficacy of Team "A" ( $91.50 \pm 5.51$ ) and Team "B" ( $96.21 \pm 4.46$ ) ( $p = 0.02$ ). In the self-assessment was difference between the team "A"  $45.20 \pm 5.11$  and Team "B"  $41.78 \pm 3.19$  ( $p = 0.05$ ). There was a moderate correlation ( $r = 0.65$   $p = 0.00$ ) between self-assessment and practice time for both teams. In conclusion, the team that won the best placement was the one that presented more effective and efficacious in the execution of the service.

**KeyWords:** Volleyball. Effectiveness. Efficacy.

---

#### Introdução

O voleibol, desde sua criação em 1895, tem passado por diversas modificações, em consequência, sobretudo, da padronização das regras estabelecidas pela fundação da Federação Internacional de Voleibol<sup>1</sup>. Essas modificações alteraram a estrutura do esporte, com o objetivo de se ter um jogo com maior equilíbrio entre defesa e ataque, e mais moderno, para ser veiculado nos meios de telecomunicações<sup>2</sup>. A proficiência técnica passou a ter mais influência no resultado obtido, pois erros técnicos são regularmente punidos, sendo de extrema relevância o diagnóstico das causas dos erros cometidos na execução das habilidades motoras na aplicação das técnicas<sup>3</sup>.

As modificações no sistema de regras e na pontuação fizeram também com que o tempo de bola em jogo reduzisse, provocando ações e disputas de posse de bola com intensidade e velocidade máximas, visando superar a equipe adversária<sup>4</sup>. Com isso, um

fundamento em especial, o saque, tanto nas equipes masculinas quanto femininas, transformou-se em poderosa arma de ataque e, ao mesmo tempo, de defesa. De ataque, quando se conquista o ponto ou se dificulta a recepção adversária, e de defesa, quando se impede a equipe adversária de organizar um perfeito ataque<sup>5</sup>. Assim, o aprimoramento no saque visa impedir a equipe adversária de efetuar recepções perfeitas e, conseqüentemente, de realizar maior número de jogadas e ataque com fintas<sup>5</sup>.

O saque é considerado a ação de colocar a bola em jogo, ou seja, o fundamento que inicia uma partida. É considerado uma habilidade motora fechada, estando sua execução sob o domínio do atleta<sup>6</sup>. Nestas condições, as tomadas de decisão sobre a execução do fundamento devem ser feitas previamente para que o executante possa realizar ação tal como programada, sem interferências contextuais. Deste modo, o bom desempenho do saque depende da capacidade do atleta em tomar decisões eficazes para manter o controle da ação<sup>7</sup>.

Quando o atleta possui condições técnicas, físicas, táticas e psicológicas aprimoradas, o seu desempenho real pode ser previsto pela sua capacidade em solucionar problemas que surgem ao longo do jogo<sup>8</sup>. As possíveis variações no rendimento dos atletas na execução do saque durante as partidas são, muitas vezes, decorrentes de flutuações cognitivas, o que não está associado apenas à mudança no seu nível de habilidade motora, na sua capacidade, fisiológica ou na mecânica da performance, mas sim no controle mental do atleta, que influencia o equilíbrio do seu desempenho<sup>9,10</sup>. Uma das possíveis explicações para essa flutuação no desempenho do atleta é o fato de o seu comportamento ser influenciado pelo pensamento-sentimento-ação durante a prática esportiva, sendo que no momento em que ocorre um problema de cunho cognitivo ou emocional, ele sente dificuldade em trabalhar com as emoções que o cercam durante as competições<sup>11</sup>.

Assim, a crença do atleta em realizar cursos de ações necessários para alcançar com êxito determinada atividade esportiva específica, está diretamente relacionada aos processos cognitivos, motivacionais e emocionais dos atletas, sendo importantes indicadores da ação futura<sup>12</sup>. Além de exercerem importante influência na maneira como os indivíduos agem e se comportam, bem como na regulação dos seus padrões de pensamento e reações emocionais que vivenciam em situações de realização, as crenças determinam o esforço e a persistência futura do indivíduo frente a barreiras na busca da melhor performance e do objetivo determinado<sup>13</sup>. Nesse sentido, a autoavaliação positiva aumenta a vontade e a motivação do indivíduo, ocasionando em um desempenho que se manifesta na melhor expressão possível das suas aptidões<sup>14</sup>.

No entanto, a autoavaliação dever ser condizente com os dados objetivos do rendimento (eficácia e efetividade), pois uma autoavaliação irreal poderá comprometer a preparação e, conseqüentemente, a melhora do desempenho do atleta<sup>15</sup>. A eficácia da ação, corresponde ao sucesso do resultado obtido por meio da execução das habilidades fundamentais do jogo, estando relacionada com a obtenção do resultado de acordo com os propósitos da ação<sup>3</sup>, enquanto que a efetividade pode ser entendida pela qualidade das ações que permitem alcançar o objetivo pretendido<sup>16</sup>, podendo ser avaliada por meio do escalte técnico, utilizando-se ponderação das ações de maior êxito executadas pelos atletas na realização do saque.

Considerando a importância dos argumentos apresentados, o presente estudo tem por objetivos analisar a relação entre a autoavaliação do saque e o resultado do escalte técnico do saque de duas equipes infantis femininas durante uma competição de nível nacional, correlacionar a autoavaliação do saque com o tempo de prática e comparar o tempo de prática entre as equipes.

## Métodos

### *Amostra*

Participaram do estudo 26 atletas do sexo feminino com média de idade de  $14,63 \pm 0,5$  anos e tempo de prática de  $4,92 \pm 1,87$  anos, da categoria infantil, que disputaram a 11ª Taça Paraná de Voleibol, competição na qual competem, anualmente na cidade de Curitiba-PR, as melhores equipes das categorias de base do Brasil. Neste ano (2012), participaram 18 equipes nesta categoria. As duas equipes participantes deste estudo alcançaram a 7ª colocação e a outra sagrou-se campeã desta edição da competição.

### *Procedimentos*

Para a realização deste estudo, foi feito contato com a Federação Paranaense de Voleibol e, posteriormente, com a organização da Taça Paraná de Voleibol e com os técnicos das equipes participantes, que autorizaram a coleta de dados após a assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal do Paraná – Setor de Ciências da Saúde – Hospital de Clínicas – HCUFPR, sob o parecer CAAE: 01309012.7.0000.0096.

A Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol foi aplicada às atletas no hotel onde estavam hospedadas as equipes, minutos antes destas se deslocarem para o local do primeiro jogo da competição, mediante a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Os escaltes do saque foram realizados por duas pesquisadoras experientes no voleibol, que ficaram sentadas em ponto estratégico na arquibancada (na lateral da quadra) para observação e coleta do escalte de todos os jogos em que as duas equipes participaram.

### *Instrumentos*

#### *Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol*

Para a autoavaliação do saque, foi utilizada a Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (EASV), traduzida e validada para língua portuguesa por Machado<sup>14</sup>, a partir da versão em inglês – *Volleyball Serve-Specific Core Self-Evaluations Scale* para o saque por Shoenfelt e Griffith<sup>17</sup>. Foram encontradas boas propriedades psicométricas para o instrumento, sendo que a consistência interna apresentou valores adequados de *Alpha de Cronbach* por itens e geral  $\alpha = 0.87$ . A estabilidade da escala apresentou valores de ICC=0.95, Índice *Kappa* 0.93 e Correlação de *Pearson* 0.96 considerados excelentes para fidedignidade. A EASV é composta por 12 questões, referentes à autoestima, ao locus de controle, ao neuroticismo e a autoeficácia generalizada, utilizando-se uma escala tipo *Likert* para respostas de 1 a 5 (1- discordo plenamente e 5- concordo plenamente). Há indicadores positivos e negativos, sendo necessário inverter a pontuação dos itens pares. Um escore único é obtido, com a soma da pontuação de cada item, sendo o mínimo 12 e o máximo 60<sup>14</sup>. Quanto maior o escore obtido, melhor a autoavaliação do atleta quanto à execução deste fundamento.

#### *Escaltes Técnico do Saque*

Para a utilização do escalte técnico no presente estudo foi realizada a validação de conteúdo deste instrumento de avaliação técnica do fundamento saque, de acordo com os procedimentos propostos para validação de conteúdo por Cassepp-Borges et al.<sup>18</sup>. Para tal, o escalte técnico do fundamento saque foi encaminhado para 10 especialistas na área de voleibol, que avaliaram cada um dos 4 itens (saque ponto, saque que dificultou a recepção adversária, saque que não dificultou a recepção adversária e saque erro) que compõem o escalte, considerando a clareza de linguagem (se a linguagem e termos estão de acordo com o

indicador), a pertinência prática (se possui importância o que o instrumento se propõem avaliar) e a relevância teórica (nível associação entre a teoria e o indicador). Os avaliadores responderam as questões em uma escala tipo *Likert* (1 a 5), sendo 1= Discordo plenamente, 2= Discordo, 3= Neutro, 4= Concordo e 5= Concordo plenamente. Para os itens que recebessem uma pontuação inferior a 3 foram solicitadas sugestões para alterações<sup>18</sup>. Os valores médios do Coeficiente de Validade de Conteúdo corrigido (CVCC), encontrados foram: 0,82 para a clareza de linguagem, 0,87 para a pertinência prática e 0,86 para a relevância teórica, obtendo-se um média geral de 0,85 para a validade de conteúdo, sugerindo que o instrumento é válido e aplicável.

### *Eficácia e Efetividade*

Para o cálculo da eficácia e efetividade do fundamento saque, os dados obtidos pelo escalte técnico de cada atleta e equipes foram tabulados em uma planilha do Excel (2013) e, posteriormente, aplicadas as fórmulas propostas pela Comissão Técnica da dupla campeã olímpica do vôlei de praia, durante sua preparação para aquela competição.

$$\text{Eficácia} = \text{Escore obtido} \times 100 \div \text{Total de ações}$$

$$\text{Efetividade} = (3 \times \text{Total do escore 3}) + (2 \times \text{Total do escore 2}) + (1 \times \text{Total do escore 1}) - \text{N}^\circ \text{ Total de erros} \times 100 \div 3 \times \text{Total de ações}$$

Sendo:

Escore obtido: soma do total de saques ponto, saques que dificultaram a recepção adversária e saques que não dificultaram a recepção adversária.

Total de ações: número total de saques executados.

Total do escore 3: número total de saques pontos.

Total do escore 2: número total de saques que dificultaram a recepção adversária.

Total do escore 1: número total de saques que não dificultaram a recepção adversária.

Nº total de erros: refere-se ao número total de saques errados multiplicado por 100 e dividido pelo número total de saques executados.

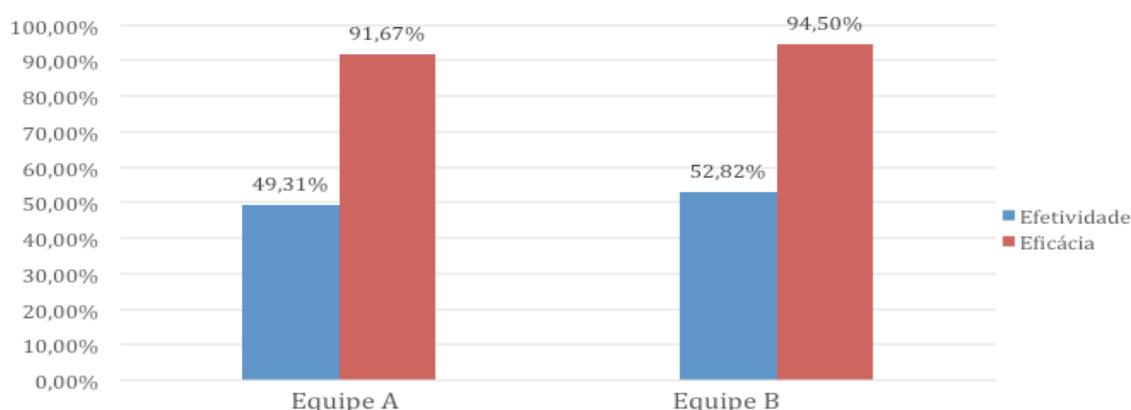
### *Análise Estatística*

Os dados foram analisados por meio do programa SPSS versão 17.0, adotando-se o nível de significância de  $p < 0,05$ . Foi utilizado o Teste *t* independente para a comparação da autoavaliação do saque entre as duas equipes. Para os dados que não apresentaram normalidade foi utilizada a estatística não-paramétrica utilizando-se o teste de *Mann Whitney*. Para avaliar se houve a relação da autoavaliação das atletas com eficácia, efetividade e tempo de prática, foi utilizada a correlação de *Spearman*.

## **Resultados**

As análises do escalte serão apresentadas a seguir, apontando os resultados da eficácia e da efetividade por equipe. Vale ressaltar que a equipe “A” terminou na 7ª colocação, com a realização de sete jogos, sendo que o último foi ganho por W.O, finalizando a competição com 4 vitórias e 3 derrotas enquanto a equipe “B” sagrou-se campeã da competição com a realização de oito jogos, terminando invicta na competição com 8 vitórias.

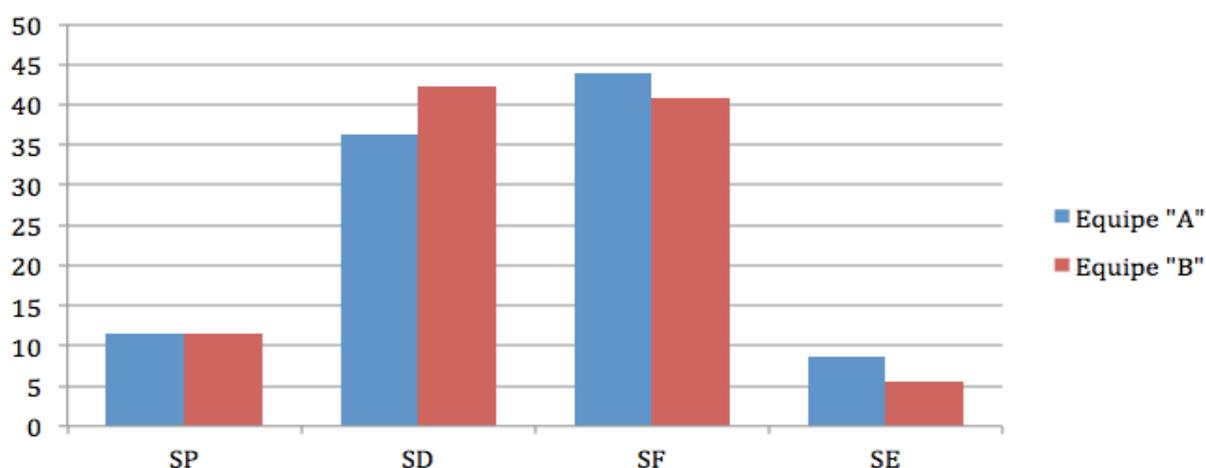
A equipe “A” teve um total de 276 ações de saques, tendo uma eficácia de 91,67% e efetividade de 49,31% e a equipe “B” teve um total de 473 ações de saques com uma eficácia de 94,5% e efetividade de 52,82%.



**Figura 1.** Percentual da frequência do resultado do saque (eficácia e efetividade) obtidos por cada equipe durante toda a competição.

Fonte: Os autores.

Dividindo o número total de ações pelos 4 itens avaliados pelo escalte, Saque Ponto (SP), Saque que dificultou a recepção adversária (SD), Saque que não dificultou a recepção adversária (SF) e Saque Erro (SE), a equipe “A” obteve os seguintes percentuais: SP= 11,59%, SD= 36,23%, SF= 43,84 e SE= 8,64%, enquanto que a equipe “B” obteve: SP= 11,42%, SD= 42,28, SF= 40,8% e SE= 5,49%.



**Figura 2.** Percentual obtido para cada tipo de saque executado pelas equipes A e B.

Fonte: Os autores.

Ao averiguar a autoavaliação de ambas as equipes, foram constatadas que houve diferenças estatisticamente significativas ( $p=0,05$ ), entre as equipes “A” e “B”, sendo a média obtida  $45,20 \pm 5,11$  e  $41,78 \pm 3,19$  respectivamente.

Quando comparada a efetividade do fundamento saque das duas equipes, houve diferenças estatisticamente significativas ( $p=0,02$ ), sendo que a equipe “B” mostrou-se mais eficiente quando comparada com a equipe “A”.

Ao analisar a eficácia do fundamento saque houve diferenças estatisticamente significativas ( $p=0,02$ ) entre as equipes, sendo que a equipe “B” mostrou-se mais eficaz.

**Tabela 1.** Resultados do teste t para a autoavaliação, efetividade e eficácia.

Itens	<i>t</i>	<i>Mσ</i>	<i>p</i>
Autoavaliação	1,72		0,05*
Equipe “A”		45,20 ± 5,11	
Equipe “B”		41,78 ± 3,19	
Efetividade	-2,11		0,02*
Equipe “A”		37,26 ± 19,38	
Equipe “B”		53,89 ± 14,18	
Eficácia	-2,03		0,02*
Equipe “A”		91,50 ± 5,51	
Equipe “B”		96,21 ± 4,46	

\* Diferença Estatisticamente Significativa; *Mσ*= Média

Fonte: Os autores.

Ao comparar o tempo de prática das equipes, utilizou-se a estatística não-paramétrica, pois os dados não apresentaram normalidade. Observou-se que não houve diferenças estatisticamente significativas entre as equipes, sendo  $p=0,31$  e  $z=-1,06$ .

Ao analisar a correlação entre a autoavaliação e a efetividade e entre a autoavaliação e a eficácia do fundamento saque, não houve correlação entre essas variáveis analisadas. Por outro lado, ao analisar a correlação entre a autoavaliação e o tempo de prática houve uma correlação moderada, sendo  $r=0,65$  e  $p=0,00$ .

## Discussão

Os objetivos do presente estudo foram analisar a correlação entre a autoavaliação a eficácia e a efetividade na execução do saque, comparar o tempo de prática entre duas equipes infantis femininas de voleibol e correlacionar a autoavaliação do saque com o tempo de prática.

Esperava-se, no presente estudo, que a equipe que apresentasse melhor autoavaliação do saque seria a equipe melhor colocada na competição, a mais eficaz e a mais efetiva neste fundamento. Os resultados encontrados não confirmaram esta hipótese, já que a equipe “A” apresentou uma melhor autoavaliação do saque quando comparada com a equipe “B”, porém não foi a equipe mais eficaz e mais efetiva na execução deste fundamento. Estes achados podem ser explicados pelo fato das atletas poderem subestimar a sua crença acerca da sua execução em respostas a questionários ou escalas de avaliação<sup>19</sup>, o que pode ter ocorrido no caso da categoria infantil feminina avaliada no presente estudo. Outro possível motivo deve-se ao saque ser um importante fundamento na conquista de pontos, visto que o seu objetivo não é mais apenas colocar a bola em jogo, mas também dificultar a recepção adversária, diminuindo as possibilidades de ataque e a conquista do ponto direto<sup>5</sup>, como apontou o estudo de Katsikadelli<sup>20</sup> que verificou a influência do saque sobre a recepção e desta sobre a opção de levantamento, tendo como resultados que os saques em suspensão causavam um número significativamente maior de recepções ruins do que saques flutuantes. Embora nosso estudo não tenha avaliado o tipo de saque (saque em suspensão, saque flutuante, saque parado) mas sim a consequência do saque, percebe-se a relação entre a dificuldade imposta pelo saque e a jogada de ataque.

Resultado semelhante aos do presente estudo foi encontrado por Beattie<sup>21</sup>, que investigaram os possíveis efeitos negativos da autoeficácia no desempenho de atletas de golfe e concluíram que a relação recíproca entre a autoeficácia e o desempenho não é tão forte como se pensava. No estudo de Ortega<sup>22</sup>, que analisou a relação entre o nível de autoeficácia e

vários indicadores de desempenho, obteve resultados que também não se assemelham com o do presente estudo, sendo que jogadores com altos níveis de autoeficácia apresentaram valores superiores nas diferentes variáveis de desempenho em relação aos jogadores com baixos níveis de autoeficácia.

Por outro lado, encontraram-se diferenças significativas quando comparadas a eficácia do saque entre ambas as equipes, ou seja, a equipe “B” obteve maior eficácia, pois executou um maior número de saques pontos e principalmente saques que dificultaram a recepção adversária. Estes dados vão ao encontro dos resultados obtidos por Arias et al.<sup>7</sup>, que analisaram o saque do voleibol nas categorias de formação e encontraram maior porcentagem de saques que dificultaram a construção do ataque adversário, não permitindo ataques de primeiro tempo. É importante salientar o elevado número de saques efetuados pela equipe B (473 ações), quando comparado à equipe A (276 ações), o que pode explicar, em parte, os resultados encontrados no presente estudo, pois a equipe B disputou uma partida a mais até chegar à final.

Quando comparada a efetividade na execução do saque entre as duas equipes, observou-se que a equipe “B” foi a mais efetiva, pois cometeu menos erros, ou seja, efetuou menos saques que culminassem em ponto para a equipe adversária (saque erro). Além disso, pode-se constatar que esta mesma equipe (campeã da competição), embora não tenha sido a que melhor se autoavaliou, foi a que obteve melhores resultados quanto à efetividade e eficácia na execução do saque.

A correlação moderada encontrada entre a autoavaliação e o tempo de prática pode ser explicada com base no estudo de Porath et al.<sup>23</sup>, que analisaram o desempenho técnico-tático de jogadores de voleibol (em nível de formação) e compararam com o nível de experiência na modalidade, tendo-se concluído que as atletas com maior experiência possuem melhor desempenho técnico-tático na modalidade.

## **Conclusão**

Os resultados encontrados neste estudo demonstram que a equipe mais eficiente e eficaz na realização do saque foi a equipe B, que conquistou a melhor colocação. Quando comparada a autoavaliação entre as equipes percebeu-se que a equipe 7<sup>a</sup> colocada melhor se autoavaliou em relação à equipe campeã, o que pode indicar que a autoavaliação nem sempre pode ser um bom preditor do desempenho.

Sugere-se que técnicos desta categoria atribuam maior importância a esse fundamento no processo de ensino-aprendizagem, pois este é uma ferramenta que tem se mostrado de grande relevância durante os jogos. Propõe-se, também, a realização de novas pesquisas relacionando a autoavaliação com a efetividade e eficácia, além de avaliar o tipo de saque executado, em categorias distintas e com atletas do sexo masculino.

## **Referências**

1. Fédération Internationale de Volleyball. [Homepage da Internet] [acesso em 01 outubro 2015]. Disponível em: <[www.fivb.com](http://www.fivb.com)>.
2. Matias CJA, Greco PJ. De Morgan ao voleibol moderno: o sucesso do Brasil e a relevância do levantador. REMEFE. 2011; 10(2):49-63.
3. Mesquita I, Marques A, Maia J. A relação entre a eficiência e a eficácia no domínio das habilidades técnicas em Voleibol. RPCD 2001; 1(3):33-39.

4. Castro HO, Matias CJA, Carvalho DR, Berriel GP, Greco PJ. Eficácia do saque nas categorias de base do voleibol de Minas Gerais. *Coleç Pesqui Educ Fís* 2013;12(1):89-96.
5. Guilherme A. Voleibol: técnica e tática de voleibol à beira da quadra. 4.ed. Belo Horizonte: Minas Tênis: 2001.
6. Shoenfelt EL, Usry AN. Evaluation of a Mental Skills for Serving Intervention for an Intercollegiate Volleyball Team. In: *Anais Conference of the Association for the Advancement of Applied Sport Psychology*. 2005; Vancouver 1-12.
7. Gil Arias A, Arroyo PM, Domínguez AM, González LG, Álvarez FDV. Estudio del saque em jóvenes jugadores/as de voleibol, considerando La eficacia y función em juego. *FEADEF Revista Retos* 2011;19(1):19–24.
8. Garganta J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: Graça A, Oliveira J. O ensino dos jogos coletivos. 2. ed. Lisboa: Universidade do Porto;1998. 11-25.
9. Harris DV. Tecnicas de relajacion y energetizacion para la regulacion del arousal. In: Willians J M. *Psicologia aplicada al deporte*. 2 ed. Madrid: Biblioteca Nueva;1991. 277 – 306.
10. Stefanello JMF. Regulação dos níveis de ativação no vôlei de praia de alto rendimento: um estudo de caso com campeões olímpicos. *Rev Bras Cineantropom Desempenho* 2007;9(4):372–379.
11. Deschamps SR, Rose Junior D. Os aspectos psicológicos da personalidade e da motivação no voleibol masculino de alto rendimento. *EFDEPORTES* 2006;10(92):1-3.
12. Bandura, A. Guide for constructing self-efficacy scales. In: Pajares F, Urdan T. *Self-efficacy beliefs of adolescents*. 5ed. Greenwich: Information Age Publishing, 2006. 307-337.
13. Bandura, A. *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.
14. Machado TA, Shoenfelt EL, Nascimento JV, Taconeli CA, Forbellone AA, Brown RD. Development and Evaluation of the serve-specific Core Self-Evaluations Scale in Portuguese. *International Journal of Sport and Exercise Psychology* 2016;14(1): 1-10.
15. Maia N, Mesquita I. Estudo das zonas e eficácia da recepção em função do jogador recebedor no voleibol sênior feminino. *RBEFE* 2006; 20(4):257–70.
16. Dicionário Online de Português. [Homepage da Internet] [acesso em 01 outubro 2015]. Disponível em: : <<http://www.dicio.com.br/efetividade/>>.
17. Shoenfelt EL, Griffith AU. Evaluation of a mental skills program for serving for an Intercollegiate volleyball team. *Percept Mot Skills* 2008;107(1):293–306.
18. Cassepp-Borges V, Balbinotti MM, Teodoro ML. Tradução e validação de conteúdo: Uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: Pasquali L. *Instrumentação psicológica: Fundamentos e prática*. Porto Alegre: Artmed, 2010. 506–520.
19. Feltz DL, Short SE, Sullivan PJ. Self-Efficacy in Sport: Reserch and strategies for working with athletes, teams, and coaches. *Int J Sports Sci Coach* 2008; 3(2):293–295.
20. Katsikadelli A. Reception and the attack serve of the world’s leading volleyball teams. *J Hum Mov Stud* 1998;34(5):223–232.

21. Beattie S, Lief D, Adamoulas M, Oliver E. Investigating the possible negative effects of self-efficacy upon golf putting performance. *Psychol Sport Exerc* 2011;12(4):434–441.
22. Ortega E, Olmedilla A, Baranda PS, Gómez MÁ. Relationship between the level of self-efficacy , performance indicators , and participation in youth basketball. *RPD* 2009;18(3):337–342.
23. Porath M, Nascimento JV, Milistetd M, Collet C, Salles WN, Quinaud RT. Nível de desempenho técnico-tático e experiência esportiva dos atletas de voleibol das categorias de formação. *Rev Educ Fís/UEM* 2012; 23(4):565–574.

Recebido em 04/05/15.

Revisado em 02/09/15.

Aceito em 08/10/15.

---

**Endereço para correspondência:** Thais do Amaral Machado. Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Rua Coração de Maria, 92, Jardim Botânico, CEP: 80215-370 Curitiba-PR, Brasil. Email: tha.thatha25@gmail.com